



DRA. ROZA E A FADA-MADRINHA

Um dia, sem se saber porquê, Zara deixou de falar. Gritava, berrava, dizia palavrões. A mãe achava que este comportamento acabaria por passar, mas tal não aconteceu. Na rua, as pessoas viravam a cabeça, furiosas com a chinfrineira que ela fazia. Um homem chegou mesmo a ameaçar denunciar a mãe, por achar que ela maltratava a criança.

Mas a mãe de Zara nunca tinha batido na filha. Acontece que, na vida de Zara, como na vida de muitos de nós, tinha havido pequenas “bofetadas” que tinham deixado a sua marca. Às vezes, podem ser discussões dos pais; outras vezes, uma mudança de casa que não queríamos; pode ser a morte de uma avó adorada, um acidente de carro e muitas outras coisas.

No Verão anterior, Zara tinha sabido que Joel, o seu melhor amigo, tinha tido um acidente de carro. A mãe dissera-lhe:

— O Joel continua a gostar muito de ti, mas agora adormeceu e vai ficar no céu para sempre.

A mãe não quisera empregar a palavra “morte”, até porque a separação dos pais era um desgosto recente para Zara. Mas as crianças sabem a verdade. O coração da menina partiu-se em mil pedaços e a sua cabeça deixou de poder articular frases normais. Começou a gritar, e os gritos eram armas contra a morte, a tristeza e a mentira. Alguns amuam, choram, ou deixam de comer. Zara gritava.

Um dia, o director da escola sugeriu à mãe:

— A sua filha não está bem. Devia levá-la à Dra. Roza.

Falava-se sempre da Dra. Roza “com um z”, como se tivessem medo de a confundir com uma flor. Quando passeava pelos corredores, as pessoas comentavam que ela tinha um lado de fada e que resolvia problemas que mais ninguém conseguia. Como as fadas-madrinhas dos contos, que transformam o sapo em príncipe e as criadas em princesas.

Zara ouviu tudo isto e teve vontade de conhecer a Dra. Roza. O que aconteceu numa quarta-feira de Maio. Quando viu a senhora, Zara ficou admirada. Tinha-a imaginado cor-de-rosa e pequenina. Mas era uma senhora normal. Vestia umas calças e uma camisola pretas e tinha uns olhos cinzentos e doces. Zara não gritou mas martelou a cadeira com pontapés. Uma outra forma de dizer “não”. A Dra. Roza perguntou:

— Zara, conheces histórias de princesas?

— ...

— E de fadas-madrinhas?

Zara ficou em silêncio, mas pensou na madrinha da Gata Borracheira, que a tinha tornado tão bela, e na Fada dos Lilases que explicou a Pele de Burro que ninguém casa com o pai...

— Eu conheço-as muito bem — continuou a Dra. Roza, que se pôs a sussurrar: — Há muitos, muitos séculos, a minha tetrabisavó era uma fada-madrinha...

Zara ergueu os olhos, nos quais se misturavam desconfiança e interesse. Apetecia-lhe falar, mas as palavras embrulhavam-se na sua garganta. Ficou em silêncio.

— Há muitos séculos, as fadas-madrinhas eram sempre convidadas para o baptizado dos futuros reis e rainhas para lhes atribuir qualidades: inteligência, harmonia, confiança em si. Mas, como nem tudo é cor-de-rosa na vida, aparecia sempre uma fada má que lhes rogava uma praga: ou as princesas picavam o dedo na roca e morriam antes dos quinze anos, ou se transformavam em burros e sapos. Umás vezes os pais pediam para casar com elas; outras, elas punham-se a chorar, a amuar, a gritar, a deixar de comer... Mas as fadas-madrinhas estavam sempre por perto e, embora não pudessem anular a maldição, continuavam a proteger as princesas.

A Dra. Roza ergueu o dedo e perguntou a Zara:

— Conheces o segredo das fadas-madrinhas?

— Não — respondeu a menina sem gritar, o que já não fazia há muito tempo.

— Vou revelar-to. Uma fada-madrinha não é a mãe, nem a tia, nem a avó, nem a amiga... Mas compreende melhor do que elas os desgostos das crianças. E consegue ajudar só de ouvir. Nós, as psicólogas, somos as descendentes das fadas-madrinhas.

Todas as quartas-feiras, Zara ia ter com a sua fada-madrinha. A Dra. Roza conhecia todos os espinhos. Zara desenhava, falava, esculpia pequenos objectos com pasta de modelar, e mil outras coisas que diziam o que lhe ia no coração e na cabeça. A psicóloga escutava-a e falava-lhe daquelas “maldições” que podem transformar-nos em sapos, de um dia para o outro.

As sessões com a Dra. Roza duraram o tempo necessário para que Zara recomeçasse a sorrir e a trabalhar com gosto na escola. Hoje, com 30 anos, já não precisa de gritar para se fazer ouvir. Fala normalmente, com uma voz doce, mas sente-se que tem dentro de si uma enorme força. Às vezes pergunta às pessoas:

— Acreditam nos contos de fadas? Eu acredito. Quando tinha 6 ou 7 anos, transformei-me em sapo. Encontrei, então, uma fada-madrinha e transformei-me... em mim mesma!

Sophie Carquain
Petites histoires pour devenir grand (2)
Paris, Albin Michel, 2005
(Tradução e adaptação)